

O hospital como universo cênico e as bandejas contadoras de histórias

Lucia Helena de Freitas

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – UNIRIO - Professora pesquisadora

Professora Adjunta – Doutora em Teatro – UNIRIO

Professora do Departamento de Ensino de Teatro – UNIRIO

Diretora da Companhia Teatral Bandejas Contadoras de Histórias

Este artigo analisa uma proposta cênica desenvolvida pelo projeto de pesquisa e extensão “O Hospital Como Universo Cênico”, realizado no Hospital da Lagoa/RJ desde 1999 e pela Companhia Teatral *Bandejas Contadoras de Histórias*, formada por professores de teatro, ex-alunos do curso de Graduação em Teatro, modalidade licenciatura. As pesquisas e ações do projeto auxiliam a instituição hospitalar a cumprir os objetivos do Humaniza-SUS que visa a uma mudança paradigmática em relação aos serviços hospitalares, tornando-os mais humanizados, facilitando o diálogo entre usuários e profissionais e melhorando a qualidade dos atendimentos. Ao mesmo tempo, atende à demanda contemporânea do teatro de, saindo de seu espaço tradicional de atuação, ir ao encontro de um público não habituado à sua linguagem, verificando sua capacidade de afetá-lo esteticamente. Igualmente tornou-se um privilegiado campo para atividades de estágio dos alunos das Licenciaturas em Teatro e Música, aprofundando as pesquisas já iniciadas em âmbito universitário de formas teatrais adequadas aos espaços e demandas hospitalares.

Em minha tese de doutoramento *Cruzando Espaços e Olhares: o teatro no hospital* que analisou os modos e efeitos das intervenções hospitalares do projeto citado, defendida em 2005, explico que

a apropriação dos diversos espaços hospitalares, com suas diferenças de tamanho, forma e função, provocaram problemas específicos para cada jogo teatral ali realizado... os espaços restritos – as enfermarias – levavam a uma aproximação maior com os pacientes e seus dramas, gerando a necessidade de criar intervenções mais intimistas ou de adaptar aquelas realizadas nos espaços intervalares para esse outro espaço, levando em conta sua redução e características próprias.

Jogar com e nesses espaços que se apresentavam sempre imprevistos: as arrumações de mobiliário são diferentes em cada enfermaria, (...) invasões constantes no espaço são realizadas por carrinhos com material hospitalar, aparelhos médicos e pessoas, tudo isso se tornou parte integrante de nossa proposta de jogo, fazendo da flexibilidade e da constante mudança características de cada intervenção. O espaço era componente provocativo do jogo, o qual era modelado em cena, em cada apresentação.

(FREITAS, Lucia Helena. *Cruzando Espaços e Olhares: o teatro no hospital*. Tese defendida em 2005. Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas. UNIRIO)

Em 2006, esta necessidade de criar condições de jogo em espaços que apresentavam muitos impedimentos, como as enfermarias, gerou uma inquietação entre mim e duas licenciandas, Mariana Consoli e Andrea Quesado, a partir das apresentações com bonecos de luva da *Festa no Céu*, adaptação feita do conto popular, que oferecia uma série de problemas cênicos para as apresentações no espaço muito reduzido das enfermarias. As apresentações realizadas no ambulatório contavam com um grande tapete de linóleo onde eram colocados os adereços e bonecos, e também usado como local de assistência para as crianças. Nas enfermarias, no entanto, a manipulação dos elementos cênicos ficava muito dificultada. Era preciso criar uma alternativa que contemplasse o funcional e o estético coerente com a linguagem teatral. O próprio material hospitalar, aliado à experiência teatral, nos deu os elementos de criação para o suporte cênico-cenográfico que viemos a denominar *bandeja cênica*. A bandeja congrega três elementos em sua concepção. Em primeiro lugar: a resignificação da bandeja hospitalar que traz os instrumentos de intervenção médica; em segundo lugar: as bandejas utilizadas em teatros para a venda de balas e em terceiro lugar: os livros que contam histórias em 3D. Portanto a bandeja resignifica os espaços e objetos hospitalares, transformando suas representações negativas, ao mesmo tempo em que resolve os problemas cênicos de utilização de adereços e, principalmente, atende à demanda de proximidade com os pacientes, além de oferecer um forte apelo lúdico à criança acamada, imobilizada e limitada por tubos, agulhas de soro entre outros elementos do aparato médico.

A bandeja viabilizou possibilidades de que, apesar de os doentes se encontrarem inseridos dentro de um espaço-tempo definido, outros espaços e tempos poderem surgir. Fazer teatro no hospital abria possibilidades para outros espaços existenciais e outras temporalidades possíveis, como se o teatro trouxesse àquelas pessoas fragmentos de outros espaços e tempos vivíveis, despertando emoções e afetos diversos.

Guattari, no artigo *Espaço e Corporeidade*, mostra o caráter de inseparabilidade que caracteriza o espaço e o corpo. O espaço da leitura textual, por exemplo, libera diferentes modalidades de espacialidades e corporalidades, sendo que, adverte o autor, *a postura do corpo, os ritmos respiratórios e cardíacos, as descargas humorais nele interferem fortemente* desencadeando uma variedade de modos de subjetivação e semiotização, correspondendo a uma diversidade de espacializações. (Guattari, 1992:153) Existe uma demarcação sincrônica nas relações entre espaço e corpo, pois as relações sucedem em determinadas durações e extensões temporais, porém Guattari considera, também, na relação corpo e espaço, a existência de *um 'folheado' sincrônico de espaços heterogêneos*. (Guattari, 1992:153). Ou seja, em um mesmo momento e em um espaço determinado onde o corpo se encontra, outros espaços podem se desdobrar e podemos nos deslocar de um para outro. Por exemplo, uma paisagem que avistamos pode nos levar a um espaço afetivo,

nos reportando a afetos de um tempo no passado, ou nos interrogar de um ponto de vista estético ou ético. A bandeja, portanto, poderia remeter o paciente a um espaço afetivo, subjetivo, deslocando-o do espaço físico do hospital que o paralisava para um espaço lúdico de imaginação, mobilizando, de alguma forma seus afetos.

A primeira bandeja criada contava a história popular: Os Três Porquinhos. Era toda confeccionada em papelão, forrada de tecidos de padrões e cores variados e portava quatro cenários que vão se erguendo à medida que o enredo se desenvolve. Ela era presa ao corpo do ator por tiras de lona que se prendem à cintura e ao pescoço, possibilitando a liberdade das mãos para manipular os bonecos e, também para tocar alguns instrumentos musicais. Os elementos como as casas dos porquinhos e as árvores se levantavam à medida que os cenários eram erguidos. As casas que eram fixadas com velcro realmente saíam voando, graças à manipulação da atriz. Em razão das dimensões da bandeja: 35cmX50cm, os bonecos escolhidos para as apresentações foram dedoches de 6 cm de altura, feitos de lã tricotada.

A segunda bandeja, confeccionada com os mesmos materiais e mecanismos da anterior, era suporte para a história Lucia-já-vou-indo, dramatizada por mim, adaptada do texto de Maria Heloísa Penteadó. Constava de quatro cenários e era apresentada por dedoches. A história discute a inadequação e a solidariedade encontrando no espaço hospitalar a adesão imediata à sua temática.

A terceira bandeja, inspirada no texto de Fernanda Lopes de Almeida, *A Margarida Friorenta*, possui quatro cenários e apresenta a história dramatizada, empregando elementos acumulativos, baseados nas formas próprias das parlendas de adição¹. A temática da história que tem como foco a necessidade de contato e carinho entre as pessoas, afeta pacientes e acompanhantes pela situação de fragilidade em que se encontram e faz com que a encenação encontre sempre um espaço propício à sua realização. A encenação vem se repetindo há três anos todas as semanas, já que o público hospitalar é diferente a cada dia.

A experiência positiva da bandeja no hospital resultou na formação de uma companhia teatral denominada *Bandejas Contadoras de Histórias*.² A busca do desenvolvimento de formas estético-teatrais, a valorização da cultura brasileira e a humanização das instituições hospitalares resumem a proposta artístico-pedagógica da companhia que, saindo do âmbito universitário, ampliou e aprofundou a pesquisa teórico-prática de teatro na saúde. Ao mesmo tempo, ciente da crise que afeta o acesso à cultura

¹ Parlendas são versos da tradição cultural usados em brincadeiras infantis. As parlendas de adição mostram elementos que vão se somando aos anteriores e precisam ser memorizados para serem recitados a contento.

² A Companhia Bandejas Contadoras de Histórias é formada por mim e pelos atores, compositores e músico: Andrea Quesado, Mariana Consoli, Nathalia Soledade e Diogo Carneiro. A Companhia atua em quatro hospitais públicos do Rio de Janeiro, sob patrocínio aprovado pela Lei Rouanet.

nacional por parte das camadas populacionais mais pobres das grandes cidades que têm na mídia televisiva seu maior referencial, a escolha temática para as intervenções recaiu sobre histórias de tradição oral brasileira de origem europeia, indígena e africana, procurando, desta forma, aproximar e sensibilizar os usuários do hospital, representantes dos segmentos desfavorecidos da sociedade, das criações representativas das origens da cultura brasileira.

A criação de três bandejas foi precedida de uma pesquisa consistente sobre textos teóricos e literários provenientes dessas raízes de formação e de uma preparação musical com ênfase em sonoridades de raiz. À escritura dos textos dramáticos, um para cada raiz cultural, seguiu-se a composição das músicas e a confecção das bandejas e bonecos. Pesquisas sobre formas plásticas próprias a essas diversas culturas ofereceram o material estético que, reinterpretado, resultou nas configurações das bandejas e dos bonecos, estes confeccionados com espuma colorida, feltro, tecidos e adereços diversos.

A bandeja mostrou, tanto nas intervenções realizadas pelo projeto universitário, como pela companhia teatral, que alia fatores como a acessibilidade, favorecendo aos enfermos o encontro com o teatro, a concretização de objetivos pedagógicos, relacionados ao conhecimento e discussão de temas pertinentes à saúde e à ética, e a criação de espaços de teatralidade no âmbito hospitalar em um mesmo suporte material. A bandeja provoca e instiga em sua dinâmica, no espaço reduzido da enfermaria, a interação dos pacientes com a linguagem teatral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

FREITAS, Lucia Helena. *Cruzando Espaços e Olhares: o teatro no hospital*. Tese de doutorado defendida em 2005. Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas. UNIRIO

FOTOS:



Bandejas Contadoras de Histórias
Hospital da Lagoa - 2009



O Hospital Como Universo Cênico
Hospital da Lagoa - 2007



Bandejas Contadoras de Histórias
INCA - 2009



O Hospital Como Universo Cênico
Hospital da Lagoa - 2010